

PAPÉIS AVULSOS

DO

DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA

SECRETARIA DA AGRICULTURA — S. PAULO BRASIL

SÔBRE AS AVES DO DISTRITO DE MONTE ALEGRE,
MUNICÍPIO DE AMPARO (SÃO PAULO, BRASIL)

POR

OLIVERIO PINTO

I

INTRODUÇÃO

Chamado a colaborar nos estudos a que atualmente se procedem sôbre o aspecto físico e riquezas naturais da região de Monte Alegre, tem o Departamento de Zoologia enviado vários técnicos àquela pequena localidade, com o intuito de investigar-lhe as condições ecológicas e colecionar os exemplares necessários a um levantamento faunístico. Monte Alegre, cuja localização corresponde a 22°40' de longitude a oeste de Greenwich, é ainda uma pequena cidade, pertencente ao município de Amparo e situada a nordeste do estado de São Paulo, em região muito montanhosa, subordinada à grande serra da Mantiqueira. O colecionamento de Mamíferos e Aves foi confiado ao snr. José Leonardo de Lima, taxidermista da repartição, com experiência longa em missões desta natureza. As aves, de que particularmente se ocupa o presente trabalho, constituem, como era de prever, a parte mais importante do material coligido, no que respeita pelo menos ao número e variedade de formas.

É óbvio que para o conhecimento rigoroso da composição avi-faunística da zona seriam necessários alguns anos de atividade no lugar. Só uma longa permanência poderia permitir uma coleta sa-

tifatória, não só dos elementos constantes ou banais, como também dos visitantes esporádicos. Não sendo, porém, materialmente possível realizar este ideal, tracei o plano de visitas sucessivas à localidade, intervaladas aproximadamente de quatro meses, e distribuídas de modo a surpreender, na medida do possível, as variações decorrentes das estações e consecutivas mudanças nas condições climáticas.

Fez o snr. Lima em Monte Alegre uma primeira excursão em meados do ano transacto (1942), demorando-se de 17 de julho a 7 de agosto. Foi conseguida boa representação das espécies mais comuns (ao todo 133 exemplares), além de algumas peças preciosas, pela sua maior raridade ou beleza de plumagem.

Orientando-se pelas informações dos moradores e fazendeiros e guiando-se pelo mapa topográfico de que se munira, procurou o colecionador visitar os pontos mais recomendados, a despeito das dificuldades criadas, tanto pela sua situação, quase sempre no alto de elevadas montanhas, como pela sua distância do povoado, onde houve necessidade de fixar a sede dos trabalhos.

A segunda visita de Lima teve muito curta duração e foi empreendida na entrada da estação mais quente, entre 23 de novembro e 3 de dezembro. Seus resultados, no que se refere às Aves, foram, forçosamente muito menores do que os da primeira, devido também em grande parte às chuvas, que se tornam continuadas e impetuosas no curso da estação referida.

Objetivos especiais abreviaram o intervalo que conviria guardar antes da terceira excursão, pelo que já em 13 de janeiro regressava o snr. Lima a Monte Alegre, onde desta feita permaneceu durante mais de um mês (até 17 de fevereiro), conseguindo algumas novidades com referência às viagens anteriores.

Ao fazer o estudo do material trazido e das observações feitas nestas excursões, convenci-me da utilidade de conhecer pessoalmente a localidade, a que só fizera rápida visita, por ocasião da primeira viagem do colecionador. Assim, a 8 de maio (1943), acompanhado deste último, seguí para Monte Alegre, aproveitando uma temporada propícia de dias muito claros e temperatura agradável. Das observações e episódios desta viagem dou pormenorizado relatório no diário que se segue.

II

CONSIDERAÇÕES GERAIS SÔBRE O RESULTADO
DAS EXCURSÕES

Do exâme global das coleções ornitológicas realizadas, e levadas ainda em conta as espécies que afirma o colecionador ter observado, sem delas conseguir exemplares representativos, fica a impressão de que a região em estudo é, do ponto de vista ornitológico, uma das mais devastadas e empobrecidas do Estado de São Paulo. Isso está, de certo, em relação com a destruição quase completa das matas que deviam outrora cobrir grande parte do seu solo, destruição esta tanto mais nociva quanto se processou especialmente na orla dos rios, de cuja mata ciliar já hoje não existe o menor vestígio. Não se possuem informações sôbre a extensão e importância que teriam primitivamente as matas do distrito; mas, atenta a composição e relevo do solo, é de crêr não fossem elas muito diversas das existentes nas zonas montanhosas do interior de São Paulo e quiçá comparáveis, no que respeita à vida animal, às de Ipanema, cuja assombrosa riqueza faunística foi atestada em começos do século findo, pelas explorações de Natterer. Seja como fôr, devem ter-se como de formação secundária, ou meramente residuais, as matas atualmente existentes, não obstante muitas vezes pareçam reproduzir a primitiva sinécia, segundo se depreende do estudo fitofisionômico da região, realizado por Kuhlmann. ⁽¹⁾

Uma das fazendas que conservam maior extensão de matas é a de Santa Izabel, situada pouco ao norte da cidade, em terrenos cuja altitude oscila ordinariamente entre 800 e 900 metros. Infelizmente, por ser muito penosa a subida às montanhas em cujo cimo principalmente se localizam os seus 100 alqueires de matas, só poucas buscas permitiram realizar nestas reservas. Matas de relativa importância ainda existem nas fazendas Bom Jesus e Santa Maria, a primeira muito perto da cidade e a segunda ao norte do distrito, ambas em terreno montanhoso e de muito difícil acesso, especialmente a última. Na fazenda Ponte Alta, há também uma

⁽¹⁾ M. Kuhlmann, *Observ. ger. e Contrib. ao estudo da Flora e Fitofisionomia do Brasil* (Instituto de Botânica de São Paulo), V, 1943.

reserva, onde as aves gosam da proteção do proprietário, que mantém a caça permanentemente interdita.

Os meses que se supõem mais remuneradores à atividade do colecionador são os de verão, até abril, quando as primeiras ondas de frio começam a acosar a população alada, tangendo os pássaros migratórios para as zonas mais baixas e de clima mais benigno. É também a época em que a maturação dos frutos atrai aos pomares e chácaras o bando de pássaros frugívoros, em número todavia assaz limitado de espécies, conquanto bastante abundantes em indivíduos.

Certos pássaros sabidamente migrantes parece visitarem a zona apenas muito passageiramente, à entrada do verão. Neste número merece referência particular a “tesoura” (*Muscivora tyrannu tyrannus* (Linnaeus)), cujos numerosos exemplares foram todos coligidos na segunda quinzena de janeiro (entre os dias 16 e 23), e que já em fevereiro não era mais vista.

Interessante achado ornitológico, fruto ao que parece de mero encontro acidental, foi a de um lindo macho adulto do “gaturamo rei” (*Tanagra musica aureata* Vieil.), obtido em 27 de julho (1942). É passarinho de larga distribuição na América meridional quente e temperada, mas, pelo menos no Brasil, só muito raramente colecionado.

III

DA AVIFAUNA SILVESTRE

Muito mais sensível do que a dos campos, está quase inteiramente extinta no distrito de Monte Alegre a avifauna da mata propriamente dita. Não lhe bastaram para preservar a existência a conservação de umas poucas reservas de floresta, todas de dimensões bastante limitadas, além de isoladas e circunscritas no seu âmbito, circunstâncias a que acresce a situação desfavorável nos lugares elevados, onde a água às vezes falta de todo.

Mais porém do que os fatores climáticos e geográficos, a perseguição insensata pelos caçadores deve ter sido a causa principal do aniquilamento quase completo da primitiva fauna silvestre da zona estudada. Assim é que o macuco (*Tinamus solitarius* (Vieillot)), desapareceu de todo, desde tempo imemorial, e que o

mesmo está prestes a acontecer com os jacús (*Penelope supercilialis jacupemba* Spix), dos quais um ou outro indivíduo desgarrado se observa, atraído pela abundância eventual de alguma fruta. Conforme pude eu próprio verificar, identificando-o pelo canto, nas matas da Fazenda Santa Izabel existe ainda com relativa abundância o inambú-guassú (*Crypturellus obsoletus obsoletus* (Temm.)). Consta existirem também as duas espécies menores do gênero, o inambú-chororó (*Crypturellus parvirostris* (Wagler)) e o chintã (*Crypturellus tataupa tataupa* (Temm.)), o que não pude todavia confirmar.

Quase desertas que atualmente são, pelas razões anteriormente expostas, as poucas reservas de mata da zona de Monte Alegre conservam ainda assim alguns testemunhos da fauna que nelas vivia em outros tempos. *Pyriglena leucoptera* (Vieillot), por exemplo, representada na coleção por um exemplar da Fazenda Boa Vista (13 de fevereiro), é passarinho tipicamente da mata, onde frequentemente aparece dando ativa caça às baratas, grilos e gafanhotos, que as correições de formigas carnívoras expulsam de seus esconderijos. Observa-se ainda, com relativa frequência, o dansador ou tangará (*Chiroxiphia caudata* (Shaw)), um dos pássaros mais encontrados nas matas de nosso estado, como também *Conopophaga lineata lineata* (Wied), ou chupa-dente, elegante avezita, que o príncipe de Wied foi o primeiro a descrever. São também pássaros silvestres, entre outros, *Hypoedaleus guttatus* (Vieil.), *Dysithamnus mentalis mentalis* (Temm.), *Drymophila ochropyga* (Hellm.), *Platyrinchus mystaceus mystaceus* (Vieil.) e *Trichothraupis melanops* (Vieillot).

Menção particular merece ainda o sonolento e toleirão João barbudo (*Malacoptila striata striata* (Spix)), nunca encontrado fora da sombra da mata, onde representa o conhecido João bobo (*Nystalus chacuru* (Vieil.)), que vive nos lugares abertos e ocorre também em Monte Alegre. A alma de gato (*Piaya cayana macroura* Gambel), que na mata representa os anuns, é rara na zona, estando representada na coleção por um exemplar. Não foi porém observado nenhum representante das famílias dos momótidas (juruvás) e dos trogônidas (surucuás), características da avifauna de nossas matas virgens.

Com serem dos pássaros mais comuns e muito peculiares à

avifauna silvestre indígena, é muito digna de nota a ausência quase absoluta de dendrocoláptidas. Desta vasta e importante família apenas foi colecionado um mesquinho representante (*Sittasomus griseicapillus sylvillus* (Temm.)), em princípios de maio. Esse fato deve prender-se à ausência hoje das velhas árvores ou troncos apodrecidos, nas frinchas de cuja casca costumam esses pássaros procurar as larvas e insetos de que se nutrem, grimpendo à maneira de pica-paus (*Picidae*). Estes também praticamente não existem, provavelmente pelas mesmas razões.

IV

DAS AVES MAIS COMUNS NO DISTRITO E SUAS RELAÇÕES COM A AGRICULTURA

Na ornis da região predominam, como é natural, as espécies acfeioadas ao convívio do homem, na primeira linha das quais se destaca o tico-tico (*Zonotrichia capensis subtorquata* Swainson), pássaro de sobra conhecido; e o pardal europeu (*Passer domesticus* (Linn.)), ave importada e de hábitos estritamente citadinos; que, à fôrça de se multiplicar excessivamente, vem comprometendo cada vez mais a vida de seu companheiro indígena, incapaz de sempre vantajosamente com ele competir na luta pela existência. Vêm em segundo lugar os pássaros frugívoros comuns nos pomares do interior, dos quais o mais vulgar e abundante é incontestavelmente o sanhaçu, ou sanhaço (*Thraupis sayaca sayaca* (Linn.)), ávido comedor de goiabas e mamões; a que vêm ter também frequentemente as saíras, especialmente a *Tangara cayana chloroptera* (Vieil.), quase tão comum quanto ele.

A posição desses e outros pássaros frequentadores das zonas habitadas, no tocante à vida humana e aos interesses da agricultura, varia de espécie a espécie, abrindo às vezes margem à controvérsia. Neste particular, não há questão mais debatida do que a dos malefícios ocasionados pelo pardal, em confronto com os serviços que também nos presta. Este pássaro é tido, não sem fundamento, como o maior flagelo das plantações hortícolas, onde não se limita a devorar as plantazinhas tenras, mas chega ao ponto de destruir as sementeiras, exgravatando o solo com o bico e as patas; mas, por outro lado, para criar os filhotes, faz prodigioso

consumo de larvas e de pequenos insetos, expurgando assim as lavouras de muitas pragas. Nos Estados Unidos, que é onde mais a fundo se investigou o assunto, chegou-se à conclusão de que, pesados todos os elementos, é o pardal muito mais prejudicial do que benéfico à agricultura. Baldados foram porém todos os meios tentados para extirpá-lo, conseguindo-se, quando muito, restringir-lhe multiplicação demasiada. Com o nosso tico-tico o caso difere, sendo as opiniões unânimes a seu favor, não obstante ser possível responsabilizá-lo ocasionalmente por alguns danos infligidos às plantações.

No que se refere às aves frugívoras, é fóra de dúvida que às vezes ocasionam reais malefícios aos nossos pomares, perseguindo com predileção determinados frutos, alguns dos quais, como os figos, goiabas e mamões, não lograriam em certos sítios amadurecer, intactos, se não fossem devidamente protegidos pelo lavrador.

Com os sanhaços e saíras, acima referidos, concorrem outros pássaros, mais ou menos comuns na zona de Monte Alegre. A cambacica (*Coereba flaveola chloropyga* (Caban.)), protegida pelas suas exíguas dimensões, aventura-se a frequentar os jardins da própria capital. Como os beija-flores, gosta muito de haurir a secreção açucarada das flores; mas não poupa também os frutos saborosos das jaboticabeiras, videiras e outras árvores frutíferas. Dos sabiás, muito vegetarianos em seu regime alimentar, mas ainda assim mais úteis que nocivos, ocorrem em Monte Alegre o sabiá branco (*Turdus amaurochalinus* Caban.) e o sabiá lorangeira (*Turdus rufiventris rufiventris* Vieil.). Este último, é, aliás, bastante comum em quase todo o estado e, no verão, encontradiço até nos parques da nossa capital.

Entre os pássaros de vida livre que mais perto convivem conosco, apontam-se as andorinhas e a curruíra ou garriça. A andorinha grande (*Progne chalybea domestica* (Vieil.)) está representada na coleção de Monte Alegre por dois exemplares de fevereiro, ao passo que da pequena existem seis exemplares de meses vários, donde parece concluir-se ser esta muito mais constante ou numerosa do que a primeira. *Stelgidopteryx ruficollis ruficollis* (Vieil.) é andorinha campestre, também representada na coleção

por dois exemplares, colecionados no verão (novembro e janeiro). Tanto as andorinhas, como a curruíra (*Troglodytes musculus musculus* Naum.) contam-se entre os passarinhos mais eminentemente úteis ao homem, graças à quantidade prodigiosa de insetos que devoram.

Das andorinhas, com que efetivamente se assemelham quando voam nas alturas, não sabe distinguir devidamente o vulgo os cipsélicas, aves das mais prestadias, por isso que se alimentam exclusivamente de insetos, capturados em pleno vôo. Nenhum representante da família foi colecionado; mas afirma o sr. Lima ter reconhecido duas espécies, das que é frequente ver-se em certas estações do ano nos arrabaldes de São Paulo. A maior deve ter sido provavelmente o taperussú (*Streptoprocne zonaris* (Shaw)), que vive, como as suas similares, agarrada à parede áspera e rochosa dos saltos e cachoeiras.

Bastante comuns, conquanto mais esquivos, por isso que só raramente se acercam das habitações, são os anuns, auxiliares não menos prestantes do homem na luta contra os insetos nocivos. O anum preto (*Crotophaga ani* Linn.) é ordinariamente muito mais frequente do que o branco (*Guira guira* (Gmelin)); mas este, certamente de passagem, se aventura a visitar até os grandes centros populosos, onde nunca aparece o seu companheiro de escura plumagem. Cigarras e principalmente gafanhotos formam a base do regime alimentar habitual do anum branco, pelo que é ave merecedora da maior proteção de nossa parte. Larvas de lepidópteros e lagartas de outra espécie entram ainda em larga conta na alimentação dos anuns, como também na de um outro cucúlida, o papa-lagartas (*Coccyzus melacoryphus* Vieillot), muito menos comum, mas também representado na coleção de Monte Alegre.

Em oposição a estes auxiliares, as lavouras são frequentadas por algumas aves mais ou menos danosas à produção. Desse ponto de vista, depois do pardal, a ave mais nociva na zona que estudamos talvez seja o chopim (*Molothrus bonariensis bonariensis* (Gmelin)), mais conhecido em certas regiões pela alcunha de papa-arroz, já de si bastante expressiva. Os psitácidas pequenos, tão prejudiciais a certas culturas nas zonas menos desbravadas, provam ser ali de ocorrência rara e desprezível. Na coleção está re-

presentado apenas um único membro da família, o menor de todos o tuim (*Forpus passerinus* Linn.), espécie inocente, que ocorre em todo Brasil, diferenciada em cinco raças levemente distintas. Nem mesmo os periquitos, de que uma espécie (*Tirica tirica* (Gmelin)) visita anualmente as palmeiras dos jardins e parques da cidade de São Paulo, figura na serie em estudo; mas devemos ter como certa a sua ocorrência no distrito em estudo.

Muito abundantes nos capinzais e gramados naturais de Monte Alegre são os papa-capins (*Sporophila caerulescens caerulescens* Vieil.), frequentemente acompanhados pelo bigodinho (*Sporophila lineola* (Linn.)) e não menor número de vezes pelo tsiu (*Volatinia jacarina jacarina* (Linn.)), todos grandes comedores dos frutos minúsculos das plantas onde vivem. Passarinho também bastante comum na zona é ainda o canário (*Sicalis flaveola brasiliensis* (Gmelin)) e, depois dele, o pintassilgo (*Spinus magellanicus ictericus* (Licht.)), ambos muito procurados como pássaros de viveiro e apartamento. Todavia, de acordo com testemunhos fidedignos, observou-se anos atrás uma visível diminuição na frequência deste último, coincidindo o seu retorno com o crescimento das plantações de pinheiros (*Araucaria angustifolia*) praticadas em vários pontos, inclusive nos arredores da própria cidade. A este propósito, é fato digno de atenção o grande paralelismo que se observa no Brasil meridional, entre a área de dispersão do pintassilgo e a daquela conífera, cujo domínio geográfico abrangia primitivamente uma extensão assaz considerável, contribuindo até para caracterizar uma zona florística perfeitamente definida.

O João de barro (*Furnarius rufus badius* Licht.), de alegre presença em todas as fazendas do inferior, é também na zona pássaro sedentário, de que vários exemplares foram coligidos, tanto no inverno como no verão.

Não foi verificada a ocorrência de nenhuma das nossas grandes pombas silvestres; mas, segundo informações, não deve ser rara a chamada pomba do ar (*Columba rufina sylvestris* (Vieil.)), que de suas congêneres é a única verdadeiramente espalhada em São Paulo. Ouve-se com frequência, na mata, o canto das juritís, provavelmente da espécie *Leptoptila verreauxi ochroptera* Pelzeln. São comuns, tanto a rolinha côr de telha (*Columbigallina talpacoti tal-*

pacoti (Temm.)), como a fogo-apagou (*Scardafella squammata* (Lesson)). Ambas se podem tornar acidentalmente prejudiciais, devorando sementes; mas, as mais das vezes, é relativamente fácil coibir-lhes os abusos.

Da multidão de aves pequenas, que pelo regime predominantemente insetívoro devem considerar-se bons auxiliares do homem dos campos, encontram-se representados na coleção vários exemplares que convem salientar. Tais são o benteví comum (*Pitangus sulphuratus maximiliani* Caban.), o suiriri (*Tyrannus melancholicus melancholicus* (Linn.)), a marid'-é-dia (*Elaenia flavogaster flavogaster* (Thunb.)), o sanacocá ou choquinha (*Thamnophilus caerulescens caerulescens* (Vieil.)), etc.

Os bacuraus, aves estritamente insetívoras e de grande voracidade, acham-se representadas na série pela mais ubíqua das espécies indígenas (*Nyctidromus albicollis derbyanus* Gould), a mesma que à noite é costume vêr-se pousada no leito limpo das estradas e caminhos próximos das matas e capoeiras, onde se oculta durante o dia, silente e imóvel entre as folhas caídas, ou junto a algum tronco, admiravelmente camuflado pela sua plumagem mimética. Observou também o snr. Lima outro caprimúlgida de vôo largo, que penso deva ser alguma das espécies do gênero *Chordeiles*; é, porém, muito provável a ocorrência ainda de outras espécies, não identificadas.

Falta à coleção qualquer representante das aves de rapina, demasiadamente ariscas para que se deixassem surpreender pelo caçador. Foram entretanto observados pelo snr. Lima numerosos representantes do grupo, entre os quais muitas espécies puderam ser devidamente identificadas. Estão neste caso: o caracará (*Milvago chimachima* (Vieil.)) e o carancho (*Polyborus plancus* (Miller)), gaviões banais em tôdas as zonas cultivadas; o quirí-quirí (*Cerchneis sparverius eidos* (Peters)), muito mais ousado que os primeiros, pelo que não teme frequentar, também as aglomerações urbanas, onde fazem do pombo doméstico alimento predileto; o gavião carijó (*Rupornis magnirostris magniplumis* (Bert.)), espécie silvestre, comum na orla da mata, sempre à espreita dos roedores e passarinhos de que faz larga destruição, equilibrando dificilmente os benefícios com os prejuízos que causa. Observou tam-

bém o sr. Lima o sóvi, ou gavião saúveiro (*Ictinia plumbea* (Gmelin)), grande devorador das saúvas, por ocasião de cujo vôo nupcial costumava afluir em bandos às fazendas e sítios do interior. Está no mesmo caso *Elanus leucurus leucurus* (Vieil.), que me lembro de ter visto nas imediações do Butantã, na curiosa atitude que lhe valeu no nordeste do Brasil o nome expressivo de gavião peneira, ou simplesmente peneira. Por fim, embora o fato me pareça duvidoso, afirma o sr. Lima, ter ouvido também o grito característico do acauã (*Herpetotheris cachinnans queribundus* Bangs & Penard), gavião serpentívoro, utilíssimo no combate às serpentes venenosas e notável pelas sonoras gargalhadas que dá, quando surpreendido de inopino pelo caçador, ou simples viandante.

Como em toda parte, é comum em Monte Alegre o urubú comum (*Coragyps atratus foetens* (Licht.)); o urubú de cabeça vermelha (*Cathartes aura ruficollis* Spix), muito mais campestre e menos necrófago em seu regime, concorre com ele no expurgo dos pastos.

De entre as corujas foram colecionadas duas espécies, uma estritamente campestre (*Speotyto cunicularia grallaria* (Temm.)) e outra exclusivamente afeiçoada à sombra da mata (*Otus choliba choliba* (Vieil.)). Aquela, vulgarmente conhecida por coruja buraqueira ou caburé do campo, é ave diurna, que se vê frequentemente nos pastos, posada em algum montículo, ordinariamente ninho de cupim (*Termita*), vizinho à toca onde vive e cria os filhotes. Como a generalidade dos membros da família, são iminentemente úteis, a primeira pelos insetos que devora e a última pela caça movida aos roedores daninhos.

Ficaria incompleta esta resenha das aves mais comuns si não se mencionassem os beija-flores, de que nada menos de nove espécies foram colecionadas. São dos mais comuns o beija-flor grande de rabo bifurcado (*Eupetomena macroura macroura* (Gmelin)); o de suissas purpúrias (*Colibri serrirostris* (Vieil.)), e a pequena *Agyrtrina lactea* (Lesson). Também não são raros o beija-flor preto (*Melanotrochilus fuscus* (Vieil.)), o de rabo branco (*Anisoterus pretrei* (Del. & Lesson)), cuja eventual visita aos nossos jardins e alpendres floridos é por vezes tão mal recebida pelas pessoas superstitiosas.

V

DA RECONSTITUIÇÃO DA FAUNA
E DO REPOVOAMENTO DAS MATAS

Depois da cobertura de vegetação, a primeira condição para a existência de aves e mamíferos silvestres é a água abundante e constantemente renovada das nascentes e dos rios. Pelo que qualquer tentativa de repovoamento será infrutífera em reservas a que falte esse elemento capital, impossível de conseguir fora dos vales naturais, a não ser que a abundância das precipitações garanta dele um afluxo permanente, como acontece em toda a cadeia marítima este-brasileira.

O esforço de reconstituição da fauna indígena, complemento natural do reflorestamento que se projeta, devem incidir preferentemente nestas espécies silvestres de grande valor alimentar. O êxito porém de qualquer tentativa neste sentido depende, em primeira linha, do modo pelo qual se proceda a reconstituição do revestimento vegetal, em que se deve ter em mira, tanto quanto possível, introduzir e multiplicar as espécies peculiares à flora primitiva, respeitando-lhes a existência promíscua em que naturalmente existiriam, sem exceção mesmo das que a primeira vista nos pareçam indiferentes ou nocivas.

Tão misteriosas e intrincadas são as relações garantidoras da harmonia entre os seres vivos, que as mais insignificantes alterações no meio podem refletir em prejuízo da existência destes últimos. Isso se rerere ao caso em que se tenha em mira verdadeiramente a restauração da fauna e flora nativas; porque, no tocante à primeira, é sempre possível, em condições mais ou menos artificiais, experimentar a multiplicação preferencial de certas espécies, submetendo-as a um processo gradual de domesticação. Todavia, muito pouco ou quase nada tem o homem civilizado conseguido neste terreno. As espécies domésticas, no sentido rigoroso do termo, ingressaram no convívio do homem em épocas muito remotas, quando o nomadismo das primitivas tribus evoluiu gradualmente para a vida sedentária das tabas e das aldeias, conservando porém ainda intimidade estreita com a natureza, de que em tudo diretamente dependia.

No que toca à generalidade das espécies mais notáveis da

fauna alada indígena, só há um meio de preservá-la da extinção completa e definitiva. É a manutenção de grandes reservas de mata natural, em que possam se multiplicar a vontade, livres dos caçadores e de outros inimigos seus, satélites do homem.

Dou a seguir a lista sistemática das aves colecionadas pelo snr. Lima, nas três excursões que fez a Monte Alegre.

V I

DIÁRIO E NOTAS DA EXCURSÃO REALIZADA PELO AUTOR A MONTE ALEGRE EM MAIO DE 1943

Saí de São Paulo no dia 9, domingo, às 13 horas, pela trem de ferro. Na véspera, já o snr. José de Lima havia seguido para Monte Alegre, em caminhão automovel pertencente ao Departamento de Zoologia.

Ao deixar a capital toldava o firmamento densa cortina de nuvens, como é frequente acontecer durante o inverno em toda região sujeita ao clima da serra marítima; depois de Judiai, o céu começou a clarear, permitindo dentro de pouco que o sol aparecesse francamente, para júbilo do viajante, ávido de admirar a paisagem. Mais adiante, porém, não muito longe de Campinas, começaram novamente as nuvens a adensar-se cada vez mais, assim continuando até Monte Alegre, onde cheguei às 18 e meia horas, hospedando-me no único hotel.

A noite operou-se de novo brusca mudança no estado atmosférico; fortes rajadas do sul entraram a soprar ininterruptamente, limpando-se de todo o céu e começando a fazer intenso frio.

O dia 10 amanheceu muito claro. Graças à pouca umidade ambiente, a temperatura nada tinha de desagradável, isso a despeito da sombra projetada pelas montanhas, que não permitem aos raios do sol nascente banhar diretamente a localidade, situada no vale, à margem do rio Camanducaia. Breve nos puzemos a campo com as nossas espingardas, rumando para a Fazenda Ponte Alta, de propriedade do snr. Sebastião Siqueira, onde, na tombada da montanha, existe boa reserva de mata. A caminho, já perto da sede, um grupo de machadeiros se ocupava em derrubar pujante cedro, dos poucos que ainda se vêm, isolados, no espaço limpo dos pastos. Aqui a mata parece resto da floresta primiti-

va, mas grandemente despojada das arvores maiores. Subindo a íngreme escarpa por entre o cafezal que sôbre ela se estende, entramos na mata pela sua extremidade mais alta. Aí, o silêncio seria completo si o vento não continuasse a soprar forte, agitando a folhagem, ou fazendo ranger, pelo atrito, algum tronco de encontro ao vizinho. Depois de paciente expectativa, alguns imprudentes pipilos nos advertiram da presença de um pássaro, que o snr. Lima não tardou a descobrir por entre a sombra da galharia, abatendo-o para a coleção. Tratava-se de um *Sittasomus*, da espécie que Temminck batizara com o nome de *sylviellus*. É pássaro que nada tem de raro nas nossas matas; mas, ainda assim, exultei com o achado, pois além de não ter sido colecionado nas excursões anteriores, era o primeiro representante da família dos dendrocoláptidas conseguido no distrito. Mais tarde, descendo sempre pelo interior da mata, novo canto de pássaro perto de nós dava a Lima a oportunidade de atirar num bonito exemplar de *Schiffornis virescens* (Lafresn.), pássaro também novo para as coleções de Monte Alegre. A plumagem inteiramente verde em ambos os sexos, fá-lo difícil de descobrir por entre a folhagem. No laboratório examinei-lhe o conteúdo do estomago, encontrando, além de volumosa lagarta de lepidóptero, abundantes resíduos vegetais e, quase intacta, uma frutinha maior do que uma hervilha grande. Chegou depois a minha vez de atirar noutro passarinho desgarrado; era uma fêmea de *Thamnophilus caerulescens* Vieillot, espécie das mais comuns nos cerrados e nas matas de nosso estado, onde o conhecem por nomes vários, como “choquinha”, “sanacocá”, etc. Deixa-se atrair muito facilmente, imitando-se com os lábios de encontro à mão o chiado de um pássaro ferido, ou aflito. É este, estratégia de que se servem todos os colecionadores, para chamar perto de sí, ou arrancar ao mutismo em que se escondem, as espécies mais variadas. Vezes não raras, em lugar dos passarinhos, acode a semelhante apêlo algum gavião, que se precipita pressuroso e alvoroçado, na ânsia de descobrir aquilo que supõe uma presa ao alcance fácil de suas garras.

Nada mais conseguimos depois daí. Uma ou outra nota ouvia-se à distância e entre largos intervalos; mas nenhum outro exemplar adicional, ou simples observação digna de nota.

Foi também infrutífera a excursão que à tarde eu e o meu

companheiro fizemos na baixada adjacente à pequena corredeira do Camanducaia, na esperança de avistarmos algum habitante ribeirinho, saracura ou frango d'água. Ouvimos entretanto, ao cair do crepúsculo, cantarem no brejo alguns, por entre o labirinto das tabôas (*Typha* sp.) e os tufos de sapé (*Imperata brasiliensis* Trin.). No final, a família dos ráldas, a que pertencem, não forneceu nenhum representante às coleções de Monte Alegre. O vento, que soprava intenso todo o dia, amainou agora à tarde, permitindo resultados talvez melhores para o dia seguinte.

Na manhã de 11, com o céu inteiramente limpo e reinando temperatura ainda mais baixa do que no dia anterior, seguimos para a Fazenda Nossa Senhora da Encarnação, de que é proprietário o sr. Sebastião José de Carvalho e Castro, um dos mais antigos membros da laboriosa colônia lusa domiciliada no distrito. Fica ela do outro lado do Camanducaia, muito perto porém do povoado. Sua pequena reserva de mata começa pouco acima do cemitério e é muito fácil de atingir, graças ao caminho carroçável, que a princípio lhe acompanha a borda, contornando o morro, e depois penetra-lhe o interior, abrindo uma longa clareira. Ainda na estrada, pouco antes do cemitério, deram alerta alguns casais de chanchãs (*Colaptes campestris campestris* (Vieillot)), oferecendo a Lima oportunidade de obter para a coleção o primeiro exemplar da espécie. Infelizmente, tinha a plumagem no estado mais lastimável; além do grande desgaste, inteiramente untada com a secreção pegajosa do capim gordura, a que aderira espessa camada de carvão. E muito difícil conseguirem-se exemplares perfeitos deste pica-pau campestre onde as queimadas tenham carbonizado a espessa cortiça dos troncos que costumam visitar.

Os raios do sol atingem em cheio este lado do morro, penetrando francamente nas aberturas do caminho e fazendo cintilar as grandes teias da *Nephila clavipes* (Linnaeus), que, às dezenas, íamos encontrando durante todo o trajeto, e não raro nos detinham o passo. Como hoje não temos o vento da véspera, ouvem-se muito mais vozes de pássaros. Numa árvore pejada de frutinhas que não pude identificar, reúnem-se pássaros miúdos, das espécies frugívoras mais vulgares. Não é grande o número de indivíduos e menor ainda a sua variedade; predominam o sanhaço comum (*Thraupis sayaca sayaca* (Linn.)) e as saíras (*Tangara cayana*

chloroptera (Vieillot)), estas talvez mais numerosas do que os primeiros. Também apareceram diversos passarinhos da espécie *Hypophilus poicilotis poicilotis* (Temminck), já representada nas coleções anteriores, em numerosos exemplares. Não conseguí matar um lindo macho adulto de tangará dansador (*Chiroxiphia caudata* (Shaw & Nodder)); pude todavia, com facilidade, abater um exemplar com a aparência de macho jovem, mas que o exame anatómico provou ser uma fêmea, de certo muito velha. A meia subida, fomos surpreendidos com o muito conhecido concerto dos saás (*Callicebus nigrifrons* (Spix)), que nos pareciam nada distantes. O snr. Lima saiu logo à sua perseguição, com todas as cautelas possíveis; mas foi imediatamente pressentido pelos espertos macacos, que silenciaram, sem ao menos permitir que lhes avistassemos o pequeno bando, ou lhe ouvissemos sequer o ruído da fuga. A espécie era outrora comum em todas as matas e serrados do interior. Passarinho dos que aqui se avistam com grande frequência é *Basileuterus hypoleucus* Bonaparte. As numerosas espécies do gênero a que se filia divergem às vezes bastante, não só quanto à voz, como no habitat. *Basileuterus flaveolus* (Baird), dito “canarinho do mato”, cujo canto pouco difere do da espécie citada, é amarelo como o canário e não existe em São Paulo senão nas matas quentes do interior, onde aliás é comum. *Basileuterus leucoblepharus* (Vieillot), pelo contrário, é peculiar ao clima úmido da serra marítima e adjacências; ele se notabiliza pela voz forte e melodiosíssima, semelhante a um longo harpejo executado por mão de mestre. Pela mata, atingimos o alto do morro. Daí, olhando para o nascente, descortinávamos esplêndido cenário de montanhas, cujo ponto culminante, alto de mais de 1.300 metros, é constituído pelo pico da Serra Negra. Também à nossa frente, em plano mais próximo, viam-se os elevados morros da Fazenda Santa Izabel, abrigados ainda àquela hora dos raios diretos do sol e em grande parte cobertos de bela mata, que logo decidí conhecer na primeira oportunidade. Ficava de permeio o vale estreito do rio Camanducaia; seu trajeto é seguido pela estrada de ferro, evitados alguns meandros, em que seria desnecessário e oneroso acompanhá-lo. Tínhamos a cidade à nossa esquerda, no ponto em que o rio, fazendo uma grande curva, recebe as águas do Paiol de Telha. Contrastando com a côr mais desmaiada das ma-

tas nativas, aparece, num canto do quadro, o vasto pinheiral plantado pelo snr. Sebastião de Carvalho, na grande fazenda de que é proprietário. Menos elevado do que aquele em que nos achavamos, e separado apenas por nesga estreita de vale, resplendia ao sol a arredondada e núa superfície do morro onde a fé católica dos moradores de Monte Alegre fizeram erguer o monumento ao Cristo, à semelhança do que existe no pico do Corcovado.

Da eminência em que estávamos, podíamos contemplar o vôo magnífico do urubú caçador (*Cathartes aura* (Linnaeus)), que sem curvar sequer as grandes asas, dirige-se para onde lhe apraz, utilizando as correntes mais leves do vento. Escapam à percepção os movimentos de asa e cauda com que certamente se põem no melhor sentido de aproveitar a aragem, que se incumbe de impelí-los horizontal ou verticalmente, quando erram por montes e vales, esquadrinhando os campos, em busca de alimento escasso. E' então fácil distingui-lo do urubú comum, de cabeça preta (*Coragyps atratus foetens* (Licht.)), que é muito mais exclusivo no seu regime necrófago e, por isso mesmo, o único a ser visto nas cidades, à espreita, enfileirados nos muros dos quintais, ou descansando em grupo nas cumieiras dos telhados. No urubú de cabeça vermelha a asa tem perfil mais regular, talhado da base à ponta em curva harmoniosa, ao passo que no seu ignóbil companheiro as penas extremas daquele órgão divergem sensivelmente, destacando-se umas das outras, quase como os dedos da mão entreaberta. Mais apreciável é ainda a diferença quando se atenta na distribuição do claro e escuro no lado inferior da asa, que é, aliás, o único normalmente visível durante o vôo. No urubú caçador o branco é muito mais puro e ocupa larga faixa na metade posterior da asa, ao passo que no urubú comum só as extremidades são mais claras, e, ainda assim, bem pouco destacadas do preto geral. Este fato, cuja observação aliás salta aos olhos do observador menos atento da natureza, feriu a atenção de H. Krieg, por ocasião de sua última viagem ao Chaco paraguaio. Os desenhos que publicou a respeito, dele não dão todavia idéia muito nítida. (2)

E' sempre mais interessante e agradável regressar por caminho

(2) Cf. Zeitsch. fur die gesam. Naturw., Heft 8, p. 309 (1937).

diferente; a probabilidade aumenta de novos achados e o espírito se mantém vivace para novas observações. Por isso, para alcançar o vale, preferimos a encosta desnuda da colina. A empresa não seria nada fácil, visto a grande declividade e a ausência de pontos de apoio naturais, se não fosse perlongá-la, do tope até a base, uma cêrca de arame, a cujos sólidos moirões nos agarramos, poupando-nos a tropeços e quedas inevitáveis. Pois que, além de tudo, espesso tapete de capim gordura (*Melinis minutiflora* Beauv.), reveste toda a lombada exposta do morro, fazendo logo lustrosas e escorregadias as solas dos calçados. Chegando à falda do oifeiro despertou-nos a atenção a algazarra dos viras (*Gnorimopsar chopi chopi* (Vieillot)), reforçada a cada momento pelo canto enérgico de vários caçais de João de barro (*Furnarius rufus badius* (Licht.)). Uns e outros procuravam abrigo na bela e densa copa das batalhas (*Cryptocarya mandiocanna* Meiss.), plantas de que os criadores ali especialmente se utilizam para dar sombra ao gado, nas horas calmosas de sol intenso. ⁽³⁾ Ao apropriado apêlo nosso, acudiu um bando dos primeiros; tal lhes era porém o pânico, que ficou infrutífero o esforço do snr. Lima para conseguir sequer um exemplar da espécie, não representada ainda nas coleções de Monte Alegre.

A 12, quarta-feira, tivemos um amanhecer, si possível, ainda mais belo do que nos dias anteriores; fazia intenso frio e nenhum floço de nuvem, por mais tênue, toldava a pureza do céu. Dirigimo-nos para a Fazenda Santa Izabel, aquela cuja mataria, estendida em larga superfície de elevada montanha, havíamos avisado na véspera, do alto da Fazenda da Encarnação, que demora em ponto fronteiriço, no lado oposto do rio. Alternando com a mata, ficam os cafezais, hoje na zona lavoura decadente, não obstante os viçosos talhões que ainda existem em franca produção. A meia encosta, passamos pela sede da Fazenda Boa Vista, que também guarda uns restos de mata ou capoeira, onde apenas conseguimos caçar dous exemplares da já referida espécie de *Basiléuterus*, a única que parece existir na região explorada.

Bastante penosa é a subida aos altos cabeços da Fazenda

⁽³⁾ Cf. M. Kuhlmann, *Observ. ger. e Contrib. ao estudo da Flora e Fitofisionomia do Brasil* (Instituto de Botânica de São Paulo), V, 1943, pág. 8.

Santa Izabel, os quais, a cavaleiro de todos os morros mais próximos, dominam soberbo panorama. Para atingirmos a mata em seu ponto mais elevado, tivemos de romper extenso trecho de capim gordura. Esta gramínea, que nas pastagens frequentadas pelo gado não se eleva geralmente acima do solo mais do que alguns palmos, forma aqui capinzal extremamente viçoso e denso. Só a muito custo conseguimos rompê-lo, quase escondidos pela pegajosa e odorante folhagem, alta de um metro ou mais. A mata é frondosa e encerra ainda árvores de avantajado porte; dos troncos maiores pende quase sempre denso cordame de cipós. Não obstante, o subosque é ralo, os espinhos poucos, o que permite passagem geralmente fácil. Lembrou-se logo Lima de provocar os guassús (*Crypturellus obsoletos obsoletos* (Temm.)), com o pio que tinha em mãos. Não tardou que replicassem um ou dous daqueles tinâmidas, a distância bem pequena de nós. Deixaram-se porém ficar prudentemente onde estavam, silenciando ao cabo de alguns instantes, certamente por se terem apercebido a tempo do logro fatal em que iriam cair. A despeito de tudo, a mata não me parece menos pobre de vida animal do que as visitadas nos dias precedentes. Impressionava principalmente a pobreza extrema de formicariidas e a ausência absoluta de dendrocoláptidas, famílias que tão largo contingente fornecem à avifauna silvestre indígena. Contudo, sem falar na choquinha comum (*Thamnophilus caer. caerulescens* Vieillot), mostra-se bastante encontrição o bonito *Hypodaleus guttatus* (Vieillot), de que matamos, quase ao mesmo tempo, dous exemplares, ambos do sexo feminino. E' pássaro estritamente insetívoro; no estômago dos espécimes colecionados encontrei sobretudo restos de coleópteros. Antes de deixar a mata erma, conseguimos ainda dois machos belamente plumauos de *Salinator similis similis* Lafresn. & d'Orbigny, o "tico-tico guloso" dos caboclos da Serra.

Na quinta-feira, 13, nossa excursão foi às matas da Fazenda Bom Jesus (de propriedade do snr. Ovidio Truzzi), que fica muito próxima à cidade, à direita do ribeirão Monte Alegre, confluyente do Paiol de Telha. Suas matas começam quase ao nível do vale e ocupam extensa lombada de montanha, alta de mais de 1000 metros acima do nível do mar. Dão a impressão de serem umas das mais bem conservadas e pujantes do distrito, concor-

rendo certamente para isso a sua situação favorável junto a cabeceiras e córregos, fatores precípuos do elevado grau de úmidade ambiente. Às oito horas da manhã, havia visível animação entre a passarada miúda que encontravamos nas árvores à margem do caminho. Eram todos formas comuns, com predominância do tantas vezes citado *Basileuterus hypoleucus*. Despertou-me a atenção uma voz de pássaro, “tin-quim”, “tin-quim” . . . , aquí nova, mas familiar talvez aos fazendeiros do interior, onde *Synallaxis ruficapilla* Vieillot existe quase por toda parte. A espécie não existe, que eu saiba, na região da capital paulista, em cujos suburbios se ouve, todavia, com grande frequência, o canto da sua próxima parenta, *Synallaxis spixi* Sclater. Esta existe também em Monte Alegre e é ordinariamente conhecida pela alcunha onomatopáica de joão-tenenem. Ambas devem ter-se por eminentemente úteis, insetívoras que são, como todas as congêneres. Só pelo canto, sonoro brado de duas notas, que é aliás inconfundível, pude notificar a presença de uma alma de gato (*Piaya cayana macroura* Gambel), em regra o mais comum dos nossos cucúlidas silvestres. Vê-se que em Monte Alegre já se tornam tão escassos que não foi possível colecioná-lo em nenhuma das excursões. O saci (*Tapera naevia chochi* (Vieillot)), que é do campo, também não foi colecionado, nem visto. Procurando imitar-lhe o canto, a que nunca deixam de responder, certifiquei-me também de que do distrito em estudo devem ter desaparecido inteiramente os surucuás (*Trogonidae*), ornamento inexcédível das nossas florestas nativas. Nas vizinhanças do cafezal, vi abundância de tico-ticos (*Zonotrichia capensis subtorquata* Swainson), entre os quais me apressei em obter um exemplar, como lembrança e documento. É suposição que este passarinho, tão característico da ornithologia de nosso estado, está em Monte Alegre rapidamente escasseando, sob a influência do pardal, que já existe no distrito, desde algum tempo. O fato poderá ser verdadeiro no centro povoado e nas suas imediatas proximidades; não obstante porém, como pude verificar, a espécie é ainda muito espalhada nos sítios e chácaras da redondesa. (4)

(4) Às causas de diminuição do tico-tico deve juntar-se o fato, bastante conhecido, de ser ele a vítima preferida do chopim (*Molothrus bonariensis* (Gmelin)), não fazendo ninho, entrega a outros a tarefa de incubar os ovos e criar os filhotes, com o sacrifício dos legítimos donos do ninho.

Foi breve a excursão que fizemos no dia 14 ao sítio do snr. Raimundo Daolio; o intenso aproveitamento agrícola da gleba já reduziu aí a mata a dous pequenos capões muito devastados. Contudo, muito perto, ecoou o côro dos saás. Foi porém baldado querer avistá-los, como já havia acontecido na Fazenda da Encarnação, que fica bastante próxima, e é separada apenas pelo estreito leito do Camanducaia. Em dado momento, ouvimos se corresponderem os macacos deste com os daquele lado. Contaram-nos como esses símios já tinham sido vistos a atravessar o rio, utilizando a longa vara dos bambús marginais, que galgam até a extrema ponta, fazendo-a pender até a margem oposta.

Devendo viajar no dia seguinte, de volta a São Paulo, dei por encerrados os trabalhos de campo. Todavia, quase ao cair da tarde, a convite do snr. Vicente Gonçalves de Oliveira, tive o prazer de realizar mais uma última excursão, visitando em sua companhia as terras da incipiente Estação Experimental, de que é competente e operoso diretor. Distam elas pouco do povoado, e compreendem largo trecho de serra afora uma parte plana, adjacente ao rio Camanucaia. A cavalo subimos, passo a passo, pela estrada, ainda em construção, que leva aos cafezais. Êstes, como de regra, estão situados, no flanco íngreme da serra. Debruçando-se sôbre o caminho coleante, pendiam os cachos rubros do cipó de couro (*Camptosema grandiflora* Benthams), disputando a primazia, na ornamentação da paisagem, com outra maravilha vegetal, uma esplêndida cassia de porte arbustivo e grandes flores amarelas, muito semelhantes ao fedegoso. O traçado da estrada obedece a feliz orientação e proporciona ao viajante as mais agradáveis perspectivas. Acima de sua cabeça, ergue-se o tope da montanha, em grande parte vestido de mata, e em plano inferior, pende a encosta escavada, que se continua pelo vale, até as margens do rio. Pestanas de verdura sombreiam a úmida profundidade de algumas grotas e sulcos de erosão recente destacam-se também, aqui e ali, já em parte avassalados pela vegetação. Em dado momento, ví descer um gavião por entre as árvores de um destes capões. Interessado em identificá-lo, puz-me imediatamente a imitar o chiado de um pássaro ferido. A prontidão com que acudiu a êste sedutor apêlo veio nos provar que, si era a sêde que affligia o rapineiro não lhe merecia por isso desprezo, àquela hora,

a carne palpitante de uma presa inesperada. Comentamos eu e o dr. Gonçalves, o partido que poderíamos ter tirado daquela situação, si para tanto estivessemos preparados; mas tive de me contentar em reconhecer na vítima do logro um gavião dos chamados carijó (*Cerchneis sparverius eidos* (Peters)), entre nós a mais comum das espécies mateiras do grupo.

O resto da excursão passou-se em visita aos trabalhos agrícolas, às instalações anexas e às benfeitorias de toda espécie, com as quais espera o dr. Gonçalves fazer de sua Estação agrônômica modelo digno de ser imitado.

A 15, deixando Monte Alegre às primeiras horas da manhã, estava eu de regresso a São Paulo.

VII

LISTA DAS AVES COLECIONADAS EM MONTE ALEGRE (5)

Ordem COLUMBIFORMES

Família COLUMBIDAE

Scardafella squammata squammata (LESSON) — Rôla carijó, Fogo apagou.

Monte Alegre: ♂, Janeiro 16 (1943).

Estação Experimental: 2 ♂ ♂, Fevereiro 7 e 8 (1943); ♀, Fevereiro 11 (1943).

Columbigallina talpacoti talpacoti (TEMMINCK) — Rôla, Rolinha cor de tijolo.

Fazendá Santa Maria: ♀, Novembro 26 (1942).

Monte Alegre: ♂, Janeiro 16 (1943); 2 ♀ ♀, Julho 21 (1942)

Estação Experimental: ♂, Fevereiro 12 (1943); ♀, Fevereiro 11 (1943).

Ordem CUCULIFORMES

Família CUCULIDAE

Coccyzus melacoryphus VIEILLOT — Papa-lagartas.

Monte Alegre: ♀, Janeiro 16 (1943).

(5) Foi a presente lista preparada pelo encarregado da seção ornitológica, snr. Eurico A. de Camargo, cujo valioso concurso tem sido útil ao Autor, em várias emergências.

Crotophaga ani LINNAEUS — Anum preto.

Monte Alegre: ♀, Julho 29 (1942).

Chácara Bom Jesus: 1 ♂ e 1 ♀, Janeiro 23 (1943).

Guira guira (GMELIN) — Anum branco.

Estação Experimental: 2 ♂ ♂, Janeiro 29 (1943).

Ordem PSITTACIFORMES

Família PSITTACIDAE

Forpus passerinus viridus (RIDGWAY) — Tuím.

Fazenda N. S. da Encarnação: ♂, Agosto 1 (1942).

Fonte Bom Jesus: 1 ♂ e 1 ♀, Janeiro 18 (1943).

Estação Experimental: ♂, Janeiro 18 (1943).

Ordem STRIGIFORMES

Família STRIGIDAE

Otus choliba choliba (VIEILLOT). — Coruja.

Estação Experimental: 1 ♂ e 1 ♀, Janeiro 18 (1943).

Speotyto cunicularia grallaria (TEMMINCK) — Caburé do campo.

Fazenda N. S. da Encarnação: ♀, Fevereiro 16 (1943).

Chácara Bom Jesus: ♀, Fevereiro 24 (1943).

Ordem CAPRIMULGIFORMES

Família CAPRIMULGIDAE

Nyctidromus albicollis derbyanus GOULD — Curiango, Bacurau.

Estação Experimental: ♂, Janeiro 29 (1943).

Ordem MICROPODIIFORMES

Família TROCHILIDAE

Anisoterus pretrei (DELATTRE & LESSON) — Beija-flor do rabo branco.

Chácara do Capitão: ♂, Janeiro 25 (1943).

Estação Experimental: ♂, Janeiro 28 (1943).

Phaethornis squalidus (TEMMINCK).

Fazenda Bom Jesus: ♀, Maio 13 (1943).

Eupetomena macroura macroura (GMELIN) — Beija-flor, Coitelo.

Monte Alegre: ♂, Julho 23 (1942); ♀, Julho 21 (1942).

Estação Experimental: ♂, Janeiro 18 (1943).

Chácara do Capitão: ♂, Janeiro 22 (1943).

Chácara Bom Jesus: ♀, Janeiro 23 (1943).

Melanotrochilus fuscus (VIEILLOT).

Fazenda Sta. Maria: ♂, Novembro 27 (1942).

Fazenda Sta. Izabel: ♂, Janeiro 25 (1943).

Agyrtrina lactea (LESSON).

Fazenda N. S. da Encarnação: ♂, Agosto 1 (1942); ♀, Julho 19 (1942).

Fazenda Bom Jesus: ♀, Julho 29 (1942).

Chácara do Capitão: ♂, Janeiro 25 (1943).

Chlorostilbon aureoventris pucherani (BOURCIER & MULSANT).

Monte Alegre: ♀, Julho 21 (1942).

Fazenda Bom Jesus: ♂, Janeiro 19 (1943).

Thalurania glaucopsis (GMELIN).

Fazenda Ponte Alta: ♀?, Agosto 2 (1942).

Fazenda Sta. Maria: sexo?, Novembro 26 (1942).

Colibri serrirostris (VIEILLOT).

Estação Experimental: 3 ♂ ♂, Janeiro 18 e 29 (1943).

Leucochloris albicollis (VIEILLOT).

Monte Alegre: sexo? (1943).

Lepidolarynx squamosus (TEMMINCK).

Monte Alegre: ♂, Julho 23 (1942).

Ordem PICIFORMES

Família BUCCONIDAE

Nystalus chacuru (VIEILLOT) — João Bobo.

Fazenda Ponte Alta: ♂, Agosto 3 (1942).

Estação Experimental: ♂, Janeiro 29 (1943).

Malacoptila striata striata (SPIX).

Fazenda Ponte Alta: ♂, Agosto 3 (1942).

Família PICIDAE

Colaptes campestris campestris (VIEILLOT) — Chanchã.

Fazenda N. S. da Encarnação: ♀, Maio 11 (1943).

Picumnus cirratus cirratus TEMMINCK — Picapauzinho.

Chácara do Capitão: ♂, Janeiro 25 (1943).

Estação Experimental: ♀, Janeiro 30 (1943).

Ordem PASSERIFORMES

Família DENDROCOLAPTIDAE

Sittasomus griseicapillus sylvellus (TEMMINCK).

Fazenda Ponte Alta: ♀, Maio 10 (1943).

Família *FURNARIIDAE*

- Furnarius rufus badius* (LICHTENSTEIN) — João de barro.
 Monte Alegre: 2 ♂♂, Julho 24 (1942).
 Fazenda N. S. da Encarnação: sexo?, Janeiro 20 (1943).
 Estação Experimental: ♂, Janeiro 28 (1943).
- Synallaxis spixi spixi* SCLATER — João Tenenem.
 Monte Alegre: ♂, Janeiro 28 (1943); ♀, Julho 25 (1942).
 Chácara do Capitão: ♀, Janeiro 25 (1943).
- Synallaxis ruficapilla* VIEILLOT.
 Fazenda Bom Jesus: ♂ e ♀ de Maio 13 (1943).
- Certhiaxis cinnamomea russeola* (VIEILLOT) — Curruira do brejo.
 Monte Alegre: ♂, Julho 25 (1942).
 Chácara Recreio: ♂, Janeiro 26 (1943); ♀, Janeiro 26 (1943)
 Estação Experimental: 2 ♂♂, Janeiro 30 e Fevereiro 2 (1943);
 ♀, Fevereiro 7 (1943).
- Automolus leucophthalmus leucophthalmus* (WIED).
 Sítio Boa Vista: ♂, Fevereiro 13 (1943).
 Fazenda Sta. Izabel: ♀, Fevereiro 23 (1943).
- Lochmias nematura nematura* (LICHTENSTEIN).
 Monte Alegre: ♀, Julho 25 (1942).
 Sítio Boa Vista: ♀, Fevereiro 15 (1943).

Família *FORMICARIIDAE*

- Hypoedaleus guttatus* (VIEILLOT).
 Fazenda Sta. Izabel; sexo?, Julho 20 (1942); 2 ♀♀, Maio 12 (1943).
 Fazenda Sta. Maria: ♂, Novembro 27 (1942).
 Monte Alegre: ♂, Fevereiro 11 (1943).
- Thamnophilus caerulescens caerulescens* VIEILLOT. — Choquinha, Sanacocá.
 Fonte Bom Jesus: 2 ♀♀, Agosto 1 (1942) e Janeiro 19 (1943).
 Fazenda Sta. Maria: 1 ♂ e 1 ♀, Novembro 29 (1942).
 Fazenda Bom Jesus: 2 ♂♂, Janeiro 19 e Maio 13 (1943).
 Fazenda N. S. da Encarnação: ♀, Janeiro 21 e 2 ♂♂, Maio 11 (1943).
 Estação Experimental: ♂, Janeiro 30 (1943).
 Sítio Boa Vista: 2 ♂♂, Fevereiro 13 e 15 (1943).
 Fazenda Ponte Alta: ♀, Maio 10 (1943).
- Thamnophilus ruficapillus* VIEILLOT — Choquinha.
 Estação Experimental: 2 ♀♀, Janeiro 18 e 19 (1943).

Dysithamnus mentalis mentalis (TEMMINCK).

Fazenda Ponte Alta: 2 ♂ ♂, Agosto 2 (1942).

Sítio Boa Vista: 2 ♂ ♂, Fevereiro 13 e 15 (1943).

Herpsilochmus rufimarginatus rufimarginatus (TEMMINCK).

Fazenda Sta. Izabel: 2 ♂ ♂ e 1 ♀, Fevereiro 23 (1943).

Drymophila ochropyga (HELLMAYR).

Fazenda Sta. Maria: ♂, Novembro 25 (1942).

Pyriglena leucoptera (VIEILLOT).

Sítio Boa Vista: ♂, Fevereiro 13 (1943).

Família *CONOPOPHAGIDAE**Conopophaga lineata lineata* (WIED) — Vira-folha.

Fazenda Ponte Alta: ♂, Agosto 2 (1942).

Fazenda N. S. da Encarnação: ♂, Janeiro 21 (1943); ♀, Fevereiro 17 (1943).

Chácara Bom Jesus: ♀, Janeiro 23 (1943).

Estação Experimental: 1 ♂ e 1 ♀, Fevereiro 18 (1943).

Fazenda Sta. Izabel: ♀, Fevereiro 23 (1943).

Família *TYRANNIDAE**Arundinicola leucocephala* (LINNAEUS) — Viuvinha do brejo.

Monte Alegre: ♂, Julho 25 (1942).

Chácara Recreio: ♂, Janeiro 24 (1943); ♀, Janeiro 26 (1943)

Chácara Bom Jesus: ♂, Janeiro 27 (1943).

Estação Experimental: ♂, Fevereiro 2 (1943).

Muscivora tyrannus tyrannus (LINNAEUS) — Tesoura.

Monte Alegre: ♂, Janeiro 16 (1943); ♀, Janeiro 15 (1943).

Fazenda N. S. da Encarnação: 2 ♂ ♂ e 1 ♀, Janeiro 20 (1943).

Fazenda Bom Jesus: 2 ♂ ♂, Janeiro 21 (1943); ♀, Janeiro 23 (1943).

Tyrannus melancholicus melancholicus VIEILLOT — Siriri.

Fazenda Sta. Maria: ♀, Novembro 26 (1942).

Monte Alegre: 2 ♂ ♂, Janeiro 15 (1943).

Estação Experimental: 3 ♂ ♂, Janeiro 28, Fevereiro 6 e 8 (1943); 3 ♀ ♀, Fevereiro 7 e 8 (1943).

Empidonomus varius varius (VIEILLOT).

Fazenda N. S. da Encarnação: ♂, Janeiro 20 (1943); ♀, Fevereiro 11 (1943).

Estação Experimental: 2 ♂ ♂, Fevereiro 7 e 8 (1943).

Myiozetetes similis pallidiventris PINTO — Bentivizinho

Monte Alegre: ♀, Agosto 1 (1942).

- Pitangus sulphuratus maximiliani* (CAB. & HEINE) — Bentivi.
Fazenda N. S. da Encarnação: ♂, Janeiro 20 (1943).
- Myiarchus ferox australis* HELLMAYR.
Fazenda Sta. Maria: ♂, Dezembro 2 (1942).
Estac o Experimental: ♂, Janeiro 28 (1943).
- Contopus cinereus cinereus* (SPIX).
Fazenda Bom Jesus: ♂, Julho 28 (1942).
- Empidonax euleri euleri* (CABANIS).
Fazenda Sta. Maria: ♂, Dezembro 2 (1942).
Chácara Bom Jesus: ♂, Janeiro 23 (1943).
Fazenda N. S. da Encarnação: 3 ♂ ♂ e 2 ♀ ♀, Fevereiro 17 (1943).
Estac o Experimental: ♂, Fevereiro 18 (1943).
Fazenda Sta. Izabel: ♂, Fevereiro 23 (1943).
- Myiophobus fasciatus flammiceps* (TEMMINCK).
Estac o Experimental: 2 ♂ ♂, Janeiro 30 e Fevereiro 7 (1943).
- Hirundinea bellicosa bellicosa* (VIEILLOT) — Birro.
Fazenda Sta. Izabel: ♂, Julho 19 (1942).
Monte Alegre: ♀, Julho 19 (1942).
- Platyrrinchus mystaceus mystaceus* VIEILLOT.
Fazenda Sta. Izabel: ♂, Julho 20 (1942); ♀, Maio 12 (1943)
- Tolmomyias sulphurescens sulphurescens* (SPIX).
Fazenda Sta. Izabel: ♂, Julho 20 (1942); 2 ♀ ♀, Julho 20 e 27 (1942).
Estac o Experimental: 2 ♂ ♂, Fevereiro 11 e 16 (1943).
Sítio Boa Vista: ♀, Fevereiro 13 (1943).
- Todirostrum poliocephalum* (WIED).
Fazenda Bom Jesus: ♂, Julho 28 (1942).
Fazenda Ponte Alta: ♂, Agosto 2 (1942).
Estac o Experimental: ♀, Janeiro 30 (1943).
- Euscarthmornis nidipendulus paulistus* (HELLMAYR).
Estac o Experimental: ♂, Janeiro 30 (1943).
- Euscarthmornis orbitatus* (WIED).
Fazenda Sta. Izabel: ♂, Julho 20 (1942).
- Serpophaga subcristata* (VIEILLOT).
Monte Alegre: ♂, Julho 24 (1942); 2 ♀ ♀, Julho 21 e 25 (1942).
Chácara do Capitão: ♀?, Janeiro 25 (1943).
Estac o Experimental: ♂, Fevereiro 11 (1943); 2 ♀ ♀, Fevereiro 6 e 11 (1943).
Fazenda N. S. da Encarnação: ♂, Fevereiro 11 (1943);
2 ♀ ♀, Fevereiro 16 e Maio 11 (1943).

Elaenia flavogaster flavogaster (THUNBERG) — Guracava, Marid'-é-dia.

Monte Alegre: 3 ♂ ♂, Julho 31 (1942) e Janeiro 16 (1943);

3 ♀ ♀, Agosto 1 (1942) e Janeiro 15 (1943).

Fazenda Sta. Maria: 2 ♀ ♀, Novembro 25 e 26 (1942).

Estação Experimental: 4 ♂ ♂, Janeiro 18, Fevereiro 6, 8 e 18 (1943).

Fazenda N. S. da Encarnação: ♂, Janeiro 20 (1943).

Chácara Recreio: ♂, Janeiro 27 (1943).

Comptostoma obsoletum obsoletum (TEMMINCK).

Estação Experimental: 2 ♂ ♂, Janeiro 28 e 30 (1943).

Fazenda N. S. da Encarnação: ♂, Maio 11 (1943).

Fazenda Bom Jesus: ♂, Maio 13 (1943).

Phyllomyias fasciatus brevisrostris (SPIX).

Monte Alegre: ♂, Julho 24 (1942); ♀, Julho 21 (1942).

Família PIPRIDAE

Chiroxiphia caudata (SHAW) — Tangará, Dansador.

Fazenda Sta. Maria: 2 ♀ ♀, Novembro 28 (1942).

Fazenda N. S. da Encarnação: ♀, Maio 11 (1943).

Fazenda Bom Jesus: ♀, Maio 13 (1943).

Schiffornis virescens (LAFRESNAYE).

Fazenda Ponte Alta: ♂, Maio 10 (1943).

Fazenda N. S. da Encarnação: ♂, Janeiro 21 (1943).

Sítio Boa Vista: ♂, Fevereiro 13 (1943).

Família TROGLODYTIDAE

Troglodytes musculus musculus NAUMANN — Curruira.

Monte Alegre: 2 ♂ ♂, Julho 22 e 26 (1942); ♀, Julho 22 (1942).

Chácara Bom Jesus: ♂, Janeiro 21 (1943).

Estação Experimental: 2 ♂ ♂, Janeiro 30 e Fevereiro 7 (1943).

Família MIMIDAE

Mimus saturninus frater HELLMAYR — Sabiá-poca.

Monte Alegre: ♂, Janeiro 15 (1943).

Chácara Bom Jesus: ♀, Janeiro 23 (1943).

Sítio Boa Vista: ♀, Fevereiro 13 (1943).

Donacobius atricapillus atricapillus (LINN.).

Chácara Recreio: ♂ e ♀, 26 Janeiro (1943).

Família *TURDIDAE*

Turdus amaurochalinus CABANIS — Sabiá branco.

Monte Alegre: 3 ♂ ♂, Julho 23, 25 e 28 (1942); ♀, Julho 28 (1942).

Turdus rufiventris rufiventris VIEILLOT — Sabiá laranjeira.

Monte Alegre: ♀, Janeiro 16 (1943).

Estação Experimental: ♂, Fevereiro 11 (1943).

Platycichla flavipes (VIEILLOT).

Fazenda Bom Jesus: 2 ♂ ♂ e 2 ♀ ♀, Julho 28 (1942).

Família *HIRUNDINIDAE*

Progne chalybea domestica (VIEILLOT) — Andorinha comum.

Estação Experimental: 2 ♂ ♂, Fevereiro 12 (1943).

Sítio Boa Vista: ♀, Fevereiro 12 (1943).

Stelgidopteryx ruficollis ruficollis (VIEILLOT).

Fazenda Sta. Maria: ♂, Novembro 26 (1942).

Chácara Bom Jesus: ♂, Janeiro 27 (1943).

Pygochelidon cyanoleuca cyanoleuca (VIEILLOT).

Monte Alegre: ♂, Julho 31 (1942); 2 ♀ ♀, Julho 29 (1942) e Janeiro 16 (1943).

Chácara Bom Jesus: ♂, Janeiro 23 (1943).

Estação Experimental: ♂, Fevereiro 7 (1943); ♀, Janeiro 30 (1943).

Família *VIREONIDAE*

Vireo chivi chivi (VIEILLOT) — Juruviara.

Fazenda Sta. Maria: 2 ♂ ♂, Dezembro 2 (1942).

Estação Experimental: 3 ♀ ♀, Janeiro 18 e 30, Fevereiro 6 (1943).

Fazenda Bom Jesus: ♀, Janeiro 19 (1943).

Fazenda N. S. Encarnação: 4 ♂ ♂, Janeiro 20 e Fevereiro 16 (1943); 3 ♀ ♀, Janeiro 20 e 21, Fevereiro 16 (1943).

Monte Alegre: ♂, Janeiro 28 (1943).

Sítio Boa Vista: ♂, Fevereiro 13 (1943).

Hylophilus poicilotis poicilotis TEMMINCK.

Monte Alegre: ♀, Julho 27 (1942).

Chácara Bom Jesus: ♀?, Janeiro 23 (1943).

Estação Experimental: ♂, Janeiro 30 (1943).

Sítio Boa Vista: 3 ♂ ♂, Fevereiro 13 (1943).

Fazenda N. S. da Encarnação: ♀, Maio 13 (1943).

Fazenda Bom Jesus: ♀, Maio 13 (1943).

Família *MOTACILLIDAE**Anthus lutescens lutescens* PUCHERAN

Fazenda Bom Jesus: ♀, Maio 10 (1943).

Família *CYCLARHIDAE**Cyclarhis gujanensis ochrocephala* TSCHUDI.

Fazenda Sta. Izabel: ♀, Fevereiro 23 (1943).

Fazenda Bom Jesus: ♂, Maio 13 (1943).

Família *COEREBIDAE**Dacnis cayana paraguayensis* CHUBB — Sai.

Fazenda Bom Jesus: 5 ♂ ♂, Julho 28 e 29 (1942); ♀, Julho 28 (1942); ♂, Maio 13 (1943).

Fazenda N. S. da Encarnação: 3 ♂ ♂, Julho 30 e 31 (1942) e Janeiro 20 (1943); sexo?, Janeiro 20 (1943); 3 ♀ ♀, Julho 25 e 30 (1942) e Janeiro 20 (1943).

Monte Alegre: 2 ♂ ♂, Julho 25 (1942) e Janeiro 28 (1943).

Fazenda Sta. Maria: ♂, Dezembro 2 (1942).

Coereba flaveola chloropyga (CABANIS) — Mariquita.

Monte Alegre: ♀, Julho 24 (1942).

Fazenda Sta. Izabel: ♂, Julho 27 (1942).

Chácara do Capitão: ♂, Janeiro 22 (1943).

Chácara Bom Jesus: ♂, Janeiro 23 (1943).

Chácara Recreio: ♀, Janeiro 24 (1943).

Fazenda N. S. da Encarnação: ♂, Fevereiro 11 (1943).

Família *COMPSOTHLYPIDAE**Geothlypis aequinoctialis velata* (VIEILLOT) — Pia-cobra.

Fonte Bom Jesus: ♀, Agosto 1 (1942).

Fazenda N. S. da Encarnação: ♀, Agosto 1 (1942).

Estação Experimental: ♂, Janeiro 30 (1943).

Basileuterus hypoleucus BONAPARTE.

Fazenda N. S. da Encarnação: ♀, Janeiro 21 (1943).

Sítio Boa Vista: ♀, Fevereiro 15 (1943).

Fazenda Sta. Izabel: ♂, Fevereiro 23 (1943); ♀, Maio 12 (1943).

Fazenda Bom Jesus: ♀, Maio 13 (1943).

Família *TERSINIDAE**Tersina viridis viridis* (ILLIGER).

Fazenda Sta. Maria: ♀, Novembro 25 (1942).

Família *THRAUPIDAE**Tanagra musica aureata* VIEILLOT.

Fazenda Sta. Izabel: ♂, Julho 27 (1942).

Tanagra chlorotica violaceicollis HELLMAYR

Monte Alegre: ♀, Julho 22 (1942).

Tangara cyanoventris VIEILLOT — Saíra

Fazenda Sta. Izabel: ♂ juv., Novembro 23 (1942).

Tangara cayana chloroptera (VIEILLOT) — Saíra.

Monte Alegre: 5 ♂ ♂, Julho 22, 25, 26 e 30 (1942).

Fazenda Bom Jesus: ♂, Julho 28 (1942); 3 ♀ ♀, Julho 28 (1942).

Fazenda Ponte Alta: ♀, Agosto 2 (1942).

Fazenda Sta. Maria: ♂, Dezembro 2 (1942).

Fazenda N. S. da Encarnação: ♂ juv., Janeiro 21 (1943);

♂, Fevereiro 11 (1943); 2 ♀ ♀, Janeiro 21 (1943).

Estação Experimental: 2 ♂ ♂, Janeiro 29 e Fevereiro 2 (1943)

Thraupis sayaca sayaca (LINNAEUS) — Sanhaçu, Sanhaço de mamoeiro.

Monte Alegre: 9 ♂ ♂, Julho 21, 22, 23 e 25, Novembro 26 (1942); 6 ♀ ♀, Julho 21, 22 e 23 (1942).

Fazenda Sta. Maria: 2 ♂ ♂, Novembro 26 e Dezembro 2 (1942).

Fazenda Bom Jesus: ♂, Janeiro 19 (1943).

Fazenda N. S. Encarnação: 2 ♂ ♂, Janeiro 20 e Maio 11 (1943).

Chácara Bom Jesus: 1 ♂ e 1 ♀, Janeiro 23 (1943).

Tachyphonus coronatus (VIEILLOT) — Gurundi, Tié preto.

Monte Alegre: ♂, Julho 23 (1942).

Fazenda Bom Jesus: ♀, Julho 30 (1942).

Estação Experimental: ♂ juv., Novembro 11 (1942).

Trichothraupis melanops (VIEILLOT).

Fazenda Bom Jesus: 3 ♂ ♂, Janeiro 19 e Maio 13 (1943).

Sítio Boa Vista: ♂?, Fevereiro 15 (1943).

Thlypopsis sordida sordida (LAFRESNAYE & D'ORBIGNY).

Monte Alegre: ♂, Julho 25 (1942).

Fazenda Bom Jesus: 1 ♂ e 1 ♀, Julho 28 (1942).

Estação Experimental: ♂, Fevereiro 8 (1943); ♀, Fevereiro 19 (1943).

Família *ICTERIDAE**Molothrus bonariensis bonariensis* (GMELIN) — Chopim.

Chácara Recreio: ♂, Janeiro 24 (1943).

Monte Alegre: ♂, Janeiro 27 (1943).

Chácara Bom Jesus: ♂, Janeiro 21 (1943); 2 ♀ ♀, Janeiro 21 e 23 (1943).

Estação Experimental: ♂ juv., Janeiro 28 (1943); ♀, Janeiro 30 (1943).

Família PLOCEIDAE

Passer domesticus domesticus (LINNAEUS) — Pardal.

Monte Alegre: ♀, Julho 22 (1942).

Família FRINGILLIDAE

Saltator similis similis LAFRESNAYE & D'ORBIGNY — Tico-tico guloso.

Fazenda N. S. da Encarnação: ♂, Fevereiro 15 (1943).

Estação Experimental: ♀, Fevereiro 18 (1943).

Fazenda Santa Izabel: 2 ♂ ♂, Maio 12 (1943).

Cyanocompsa cyanea sterea OBERHOLSER — Azulão.

Fazenda Bom Jesus: ♂, Janeiro 19 (1943).

Tiaris fuliginosa fuliginosa (WIED).

Chácara Recreio: ♂, Janeiro 24 (1943).

Sporophila caerulescens caerulescens (VIEILLOT) — Papa-capim.

Fonte Alegre: 7 ♂ ♂, Julho 21 e 30 (1942) e Janeiro 16 (1943); 3 ♀ ♀, Janeiro 16 (1943).

Fazenda N. S. da Encarnação: ♂, Julho 31 (1942); ♀, Janeiro 21 (1943).

Fazenda Sta. Maria: 2 ♂ ♂, Novembro 25 e 26 (1942).

Chácara Bom Jesus: 11 ♂ ♂, Janeiro 19, 21, 23 e 27 (1943); 2 ♀ ♀, Janeiro 23 e 27 (1943).

Estação Experimental: 4 ♂ ♂, Janeiro 28 e 30, Fevereiro 12 (1943); 5 ♀ ♀, Janeiro 28, 29 e 30, Fevereiro 6 (1943).

Chácara do Capitão: 4 ♂ ♂ e 1 ♀, Janeiro 22 (1943).

Chácara Recreio: 3 ♂ ♂, Janeiro 24 (1943); ♀, Janeiro 1 (1943).

Sítio Boa Vista: ♀, Fevereiro 13 (1943).

Sporophila lineola (LINNAEUS) — Bigodinho.

Chácara do Capitão: 1 ♂ e 1 ♀, Janeiro 22 (1943).

Chácara Recreio: ♂, Janeiro 26 (1943); 2 ♀ ♀, Janeiro 24 e 27 (1943).

Chácara Bom Jesus: 6 ♂ ♂, Janeiro 27 e Fevereiro 24 (1943); ♀, Janeiro 27 (1943).

Estação Experimental: ♂, Janeiro 30 (1943).

Volatinia jacarina jacarina (LINNAEUS) — Tsiu.

Fazenda N. S. da Encarnação: ♂, Julho 31 (1942).

Chácara do Capitão: 4 ♂ ♂, Janeiro 22 e 25 (1943).

- Chácara Recreio: 2 ♂ ♂, Janeiro 27 (1943); 3 ♀ ♀, Janeiro 24, 26 e 27 (1943).
Monte Alegre: ♂ (1943).
Chácara Bom Jesus: ♂, Janeiro 27 (1943).
Estação Experimental: ♂, Janeiro 28 (1943).
Fazenda Sta. Izabel: ♀, Janeiro 25 (1943).
- Spinus magellanicus ictericus* (LICHTENSTEIN) — Pintassilgo.
Estação Experimental: 3 ♂ ♂, Janeiro 18 e Fevereiro 24 (1943).
Chácara Recreio: ♂, Janeiro 24 (1943).
- Sicalis flaveola brasiliensis* (GMELIN) — Canário.
Monte Alegre: 2 ♂ ♂, Julho 22 (1942) e Janeiro 16 (1943); ♀, Janeiro 16 (1943).
Fazenda N. S. da Encarnação: 2 ♂ ♂, Julho 30 (1942).
Fonte Bom Jesus: ♂, Agosto 1 (1942).
Chácara do Capitão: ♂, Janeiro 22 (1943); ♀, Janeiro 25 (1943).
Sítio Boa Vista: ♀, Fevereiro 13 (1943).
Estação Experimental: ♀, Janeiro 30 (1943).
- Haplospiza unicolor* CABANIS
Chácara Recreio: ♀, Janeiro 24 (1943).
Sítio Boa Vista: ♂, Fevereiro 13 (1943).
- Coryphospingus cucullatus rubescens* (SWAINSON) — Tico-tico rei.
Monte Alegre: ♂, Julho 23 (1942).
Fazenda Ponte Alta: ♂, Agosto 3 (1942).
Chácara Bom Jesus: 2 ♂ ♂, Janeiro 19 e 23 (1943); ♀, Janeiro 23 (1943).
Chácara Recreio: 2 ♀ ♀, Janeiro 24 (1943).
Estação Experimental: ♂, Fevereiro 12 (1943).
- Zonotrichia capensis subtorquata* SWAINSON — Tico-tico.
Monte Alegre: 4 ♂ ♂, Julho 21 e 22 (1942); ♀, Julho 21 (1942).
Fazenda Sta. Maria: ♂, Dezembro 2 (1942).
Fazenda Bom Jesus: ♂, Maio 13 (1943).
- Donacospiza albifrons* (VIEILLOT).
Monte Alegre: 1 ♂ e 1 ♀, Julho 25 (1942).

